

# A CRISE E O FUTURO DO SOCIALISMO

JOSÉ ANTONIO SEGATTO

No último ano, ou mesmo nos últimos meses, ocorreram mudanças surpreendentes no “mundo socialista”, inteiramente imprevisíveis — pela velocidade — há algum tempo atrás, que levaram à derrocada dos regimes autodenominados de “socialismo real”. Estas mudanças, denominadas de “revoluções democráticas”, colocaram a nu a degenerescência burocrática, a ausência de democracia e liberdade, a opressão da sociedade civil, a degradação teórica, etc. Antecipadas pelas mudanças em curso na União Soviética com a implementação da *perestroika* e *glasnost* desde 1985, os acontecimentos de 1989 nos países do Leste europeu expuseram ao mundo os caracteres daqueles regimes em toda a sua plenitude.

## CRISE E TRAGÉDIA

Os fatos e acontecimentos que redundaram no colapso do “socialismo real” abrem uma crise, sem precedentes, do socialismo e com desdobramentos ainda difíceis de se visualizar pois está ainda no seu início ou apenas começando a se manifestar e pode ter uma duração longa. A crise do socialismo afeta não só os partidos que geriram (ou ainda gerem) os regimes autoritários-burocráticos e os partidos que, de uma forma ou de outra, se identificaram com aqueles, mas afeta sobretudo os ideais libertários e igualitários do socialismo.

A crise do socialismo, derivada da tragédia do modelo do “socialismo real”, revela para a esquerda em geral e como um todo uma situação dramática e traz consigo problemas e elementos capazes de abalar os próprios ideais do socialismo e de homologar e legitimar, por um tempo mais ou menos longo, o capitalismo dominante no Ocidente europeu, nos Estados Unidos e Japão.

## EXPLICAÇÕES E REAÇÕES

Diante da profunda crise do socialismo a esquerda enfrenta novos desafios, tanto para explicá-lo como para superá-lo. A compreensão da natureza da crise e a reação diante dela tem sido as mais variadas: alguns partidos, movimentos ou facções alegam que não há uma crise do socialismo, mas sim uma crise da via de transição socialista gestada na URSS e posteriormente universalizada, portanto a crise é localizada no Leste — para estes basta apenas criar uma via alternativa; outros, aferrados aos velhos dogmas, mitos, símbolos e concepções, consideram que a crise foi provocada pela rendição ideológica, pela capitulação política e pelas deformações (operadas depois de 1956 com o XX Congresso do PCUS

e agravadas com a *perestroika* e a *glasnost*) no modelo soviético — acreditam que a solução está na volta ao stalinismo; no outro extremo, há aqueles que, perplexos, perdem as esperanças, achando que o capitalismo venceu e que agora trata-se apenas de melhorá-lo adotando como paradigmas as experiências social-democratas; no centro, os que pensam que houve apenas um esgotamento do “socialismo real” induzido pelas deformações na sua implantação e condução e que agora se faz necessária uma correção de rumo no sentido de sua reformulação ou renovação — postulam o “socialismo renovado”; uma quinta concepção entende ser necessário um exame criterioso e profundo da trajetória histórica das experiências de transição socialista, repensando os postulados e formulações políticas na busca da criação de uma nova teoria da revolução e da transição socialista, tendo como centro e elemento fundante a democracia — propõe a recriação da teoria e da prática socialistas, advogando mesmo um “novo socialismo”.

É claro que existem outras explicações e reações, mas pensamos que estes exemplos são suficientes para ilustrar as diferenças de entendimento sobre a crise e o futuro do socialismo.

Pensamos, no entanto, que para se compreender a extensão e a profundidade da crise do socialismo, é necessário voltarmos à gênese e à abertura da via de transição socialista implementada a partir da Revolução de Outubro de 1917 e posteriormente universalizada. Inclusive analisando seus elementos de previsão, sua metamorfose e sua conformação real e concreta.

## PECADO ORIGINAL

Partimos aqui da tese de que a concepção teórico-política vitoriosa com a Revolução de Outubro de 1917 na Rússia teve por base e foi informada pelas formulações de Marx e Engels elaboradas nos anos 1848/50, calcadas nos seguintes postulados:

a) O Estado capitalista é o “Comitê executivo” da burguesia, a expressão direta da dominação de classe e seu poder exercido pela coerção e pela opressão — “O poder político do Estado moderno não é mais do que um comitê para gerir os negócios de toda a burguesia (...) O poder político é

José Antonio Segatto é historiador, membro do Comitê Central do PCB, secretário do Instituto Astrojildo Pereira, editor da Revista *Novos Rumos*. Tem vários trabalhos publicados, entre os quais, *Breve História do PCB e Formação da Classe Operária no Brasil*.

o poder organizado de uma classe para a opressão de outra” (*Manifesto do Partido Comunista*);

b) a luta de classe entre a burguesia e o proletariado tende a levar necessariamente à “explosão” (revolução) violenta (insurreição armada) — “Esboçando em linhas gerais as fases de desenvolvimento do proletariado, descrevemos a história da guerra civil, mais ou menos oculta, que lavra na sociedade atual, e que durará até a hora em que essa guerra explodir numa revolução aberta e o proletariado estabelecer sua denominação pela derrubada violenta da burguesia” (*Manifesto...*).

c) o processo da revolução proletária como uma “revolução permanente que leva à tomada do poder e implica na destruição do Estado burguês e na eliminação, pela violência, da burguesia e na instauração da “ditadura do proletariado” — “Os nossos interesses e as nossas tarefas consistem em tornar a revolução permanente, até que seja eliminada a dominação das classes mais ou menos possuidoras, até que o proletariado conquiste o poder de Estado, até que a associação dos proletários se desenvolva, não num só país, mas em todos os países predominantes do mundo” (*Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas*, 1850); “Toda situação provisória do Estado depois de uma revolução exige uma ditadura, inclusive uma ditadura enérgica”. (*Crise e Contra-Revolução*, 1848).

Não é por acaso que Lênin, Trotsky e outros irão resgatar estas formulações — e não as elaborações de Marx e Engels posteriores a 1848/50 — a dar-lhes prosseguimento teórico e prático, adaptando-as à específica realidade histórica da Rússia czarista (com um Estado absolutista e “restrito”) do início do século. Fiel a esta concepção, Lênin (*O Estado e a Revolução*, 1917) procurará “restabelecer a verdadeira doutrina de Marx sobre o Estado”.

Agregando a estas formulações sua concepção do “partido de vanguarda”, a noção (de origem militar) de tática e a idéia da “guerra como continuidade da política por outros meios”, Lênin elabora sua teoria da revolução e da transição socialista e dá-lhe conseqüências práticas.

---

*Dessa forma e nesse sentido a revolução passa a ser compreendida como um momento crucial, de ruptura violenta, onde a “vanguarda da classe operária” ou seu “Estado maior” (partido) toma o poder pela força das armas e implanta o socialismo, no qual o poder se institui como “ditadura do proletariado”.*

---

Dessa forma e nesse sentido a revolução passa a ser compreendida como um momento crucial, de ruptura violenta, onde a “vanguarda da classe operária” ou seu “Estado maior” (partido) toma o poder pela força das armas e implanta o socialismo, no qual o poder se institui como “ditadura do proletariado”. Quanto a isso, Lênin não deixa mar-

gens para dúvidas: “a substituição do Estado burguês pelo Estado proletário é impossível sem uma revolução violenta” ou ainda a “necessidade de educar sistematicamente as massas *nesta* — e precisamente *nesta* — idéia da revolução violenta forma a base *de toda* a doutrina de Marx e Engels”. (*O Estado e a Revolução*, 1917).

Nesta concepção a democracia representativa não é um elemento essencial: contrapõe-se, sempre, a “democracia superior” ou “real” ou ainda “proletária” à “democracia formal” ou “burguesa”. Alguns alegam — recorrendo a trechos de sua obra — que Lênin deu importância fundamental à democracia. Pensamos, porém, que Lênin, no conjunto de seus escritos, pensou a democracia como um instrumento funcional (elemento estratégico) necessário para a organização política da classe operária (criação das chamadas “condições subjetivas”) e para a conquista e liquidação do Estado burguês.

Este breve e simplificado resumo (feito a partir de Carlos Nelson Coutinho, (*A Dualidade de Poderes*) contém, acreditamos, os elementos fundamentais da teoria, de Marx e Engels (do período 1848/50) e de Lênin (1917), da revolução e da abertura da transição socialista. Não se trata aqui de se fazer um julgamento valorativo das formulações de Marx e Engels ou de Lênin e Trotsky elaboradas em condições históricas — concretas determinadas — inclusive numa situação de um “Estado restrito” — mas de expor seu significado. Não é demais lembrar as implicações que tiveram não só na e a partir da Revolução de Outubro de 1917, mas sobretudo e posteriormente quando foram levadas às últimas conseqüências pela dogmática stalinista e trotskista, ganhando universalidade e consideradas válidas para qualquer país e momento histórico.

## MONTAGEM E UNIVERSALIZAÇÃO DO MODELO

Informando por estas concepções (de Lênin) é que começará a ser montada a via de transição socialista na Rússia.

Estas concepções começam, no entanto, a ser implantadas e ganhar concretude numa situação bastante adversa: guerra mundial, atraso sócio-econômico, cerco militar, guerra civil, escassa cultura político-democrática, isolamento (as tentativas de revolução no Ocidente fracassaram), destruição da infra-estrutura, etc.

Determinada por estas contingências históricas objetivas e projetada por aquelas concepções, a via de transição socialista é aberta com o “comunismo de guerra” (1918/21), cujas medidas envolvem: estatização da economia, abolição do mercado, liquidação da moeda, pagamento dos salários em gêneros, requisições forçadas da produção camponesa, férrea disciplina no trabalho, etc.

Junto a estas medidas e neste processo começa a ser delineado, ainda que embrionariamente, o arcabouço da via de transição socialista, marcada por diversos atos e fatos, dos quais destacamos alguns:

a) um dos primeiros atos bolcheviques no poder será a dissolução da Constituinte (na qual eram minoria — 25%), tão duramente criticada por Rosa de Luxemburgo e Karl

Kautsky — a primeira chamou a atenção para o fato de que “sem eleições gerais, sem uma liberdade de imprensa e de reunião ilimitadas, sem o livre confronto de opiniões, a via se debilita e vegeta em todas as instâncias públicas e a burocracia acaba como único elemento ativo”;

b) aos poucos os sindicatos foram sendo absorvidos pelo Estado, com a justificativa de que não precisavam de independência, já que não teriam necessidade de pressionar e lutar contra o seu próprio Estado;

c) já, a partir de 1918, os *soviets* passam ou vão aos poucos sendo subordinados ao partido (bolchevique), excluindo, inclusive, os mencheviques, os social-revolucionários e os anarquistas — o partido passa a aplicar suas decisões (via centralismo democrático) através dos *soviets*;

d) a “ditadura do proletariado” reduz-se cada vez mais à ditadura de sua vanguarda (partido) — isto será reforçado com a eliminação e ilegalização dos demais partidos (de extração socialista) e a imposição do partido único;

e) em 1921 determina-se o fim das tendências no partido em nome do combate ao “fracionismo” — as divergências não mais poderiam ir a público, sob a alegação das ameaças internas e externas;

f) com a criação da Internacional Comunista em 1919 (rompendo com o “reformismo” e a “traição” da II Internacional), o modelo russo de revolução, de partido, de socialismo passa a ser universalizado — seu objetivo é incentivar a criação de partidos revolucionários nacionais (seções locais da IC) submetidos às 21 condições, para internacionalizar a revolução e defender a Rússia socialista.

*Há outros fatos e atos que poderiam ser lembrados, mas estes são suficientes para mostrar os rumos que tomou a revolução, suas implicações futuras e que muitos deles são desdobramentos de projeções prévias.*

Há outros fatos e atos que poderiam ser lembrados, mas estes são suficientes para mostrar os rumos que tomou a revolução, suas implicações futuras e que muitos deles são desdobramentos de projeções prévias.

As implicações destes atos e medidas são tão grandes que levam Lênin, em 1921, a admitir que: “Nosso Estado é um Estado operário, mas com deformações burocráticas”.

É claro que isto “não significa que desde Outubro até a instauração da autocracia staliniana existiu um encadeamento fatal, automático; que no embrião de Outubro estava contido o monstro staliniano; ou que a interpretação do marxismo própria de Lênin conduziu irreversivelmente ao partido único, etc. Em cada momento crucial desta evolução houve alternativas diversas, lutas difíceis, cujo desenlace não estava nem muito menos predeterminado. O importante é perguntar-se por que triunfaram umas alternativas e não outras, que combinação de elementos ideológicos, condicio-

nantes estruturais e sociais, características pessoais de alguns líderes, etc., inclinou a balança em determinada direção”. (Fernando Claudín)

Durante a década de vinte, medidas táticas e conjuturais levam à implantação da Nova Política Econômica — NEP, com o fito de reconstrução da economia arrasada. Tratava-se de, através de várias concessões, restaurar alguns mecanismos do capitalismo para dinamizar a produção e circulação de mercadorias. Restaurou a liberdade de comércio, estimulou a produção agrícola com incentivos à propriedade camponesa, impulsionou pequenas e médias indústrias privadas (muitas das quais devolvidas aos antigos proprietários), além de outras medidas financeiras e trabalhistas. De fato a NEP permitiu em poucos anos a reativação da produção agrícola e industrial e produziu resultados positivos para a melhoria das condições de vida da população.

Não obstante isso, ela trazia por outro lado uma série de problemas: o enriquecimento rápido dos Kulaks (camponeses ricos), competição entre o setor estatal e o privado da economia, surgimento de uma nova pequena-burguesia, impunha limites ao rápido desenvolvimento da indústria pesada, etc.

Imbricado com os problemas derivados da NEP, surge um grande debate no interior do partido sobre as alternativas da construção do socialismo. O debate encaminha-se para conflitos entre tendências e grupos e logo evolui (depois de 1926/7) para uma aguda e dilacerante luta interna. Seu desfecho dá-se em 1929, com a vitória do grupo capitaneado por Stálin e com a eliminação ou isolamento dos demais.

O grupo vencedor, a partir daí, implanta seu projeto ou modelo de transição socialista, cujas características básicas serão:

a) estatização dos meios de produção e circulação, planejamento ultracentralizado da economia, industrialização extensiva e acelerada (com ênfase à indústria pesada), coletivização (forçada) da agricultura, abolição da economia de mercado, métodos de gestão burocráticos e coercitivos, etc.;

b) fusão do Estado com o partido (único), subalternização e opressão da sociedade civil — *soviets*, sindicatos, imprensa, etc., são subordinados ao partido e ao Estado; desmantelamento de qualquer organização autônoma e despolitização da classe operária em particular e da sociedade em geral;

c) limitação extrema da cidadania, abolição das liberdades, extinção da democracia e do pluralismo — o Estado burocrático-autoritário chega mesmo, em determinados momentos, a ganhar o caráter policial e terrorista;

d) o “marxismo-leninismo” como ideologia oficial do Estado — a teoria fundada por Marx é degradada e transformada num conjunto de dogmas, empregada como apologia, propaganda e mesmo ideologia manipuladora ou em exercícios escolásticos, etc.;

e) o socialismo passou a ser tratado não mais como um período de transição, mas como um modo de produção que precisava ser desenvolvido e fortalecido — as concepções libertárias do socialismo são substituídas pelas noções de “progresso social”, desenvolvimento das forças produtivas, etc.;

*Com o stalinismo monta-se um modelo de transição socialista que seria universalizado. Passa a ser incorporado por todos os partidos comunistas do mundo, com raras exceções. Da definição de Lênin dos países do "socialismo realmente existente", passa-se aos países do "socialismo real" — o único possível e verdadeiro.*

Com o stalinismo monta-se um modelo de transição socialista que seria universalizado. Passa a ser incorporado por todos os partidos comunistas do mundo, com raras exceções. Da definição de Lênin dos países do "socialismo realmente existente", passa-se aos países do "socialismo real" — o único possível e verdadeiro. Esta via é universalizada, primeiro através da IC (1919/43), depois com o *Kominform* (1947/56) e em seguida com a *Revista Internacional* (1958/90), criada para homogeneizar a política dos diversos partidos; ao lado destes órgãos foram criados outros instrumentos, como a escola de quadros do PCUS, organismos internacionais da juventude, sindical, etc. Estes organismos todos seriam condensados no que se intitulou chamar de Movimento Comunista Internacional — MCI, que agrupou por longo tempo todos os PCs.

Também países do Leste europeu, do Oriente, África, América-Latina (Cuba) adotarão o modelo do "socialismo real". O socialismo em todos esses países, apesar de suas particularidades, terão características essenciais comuns: o modelo stalinista. A exceção foi a Iugoslávia e as experiências da Hungria (1956) e da Checoslováquia (1968), esmagadas pelas intervenções militares soviéticas. Mesmo as tímidas tentativas de mudança no período de Kruschov enfrentariam resistências e seriam derrotadas.

Se o stalinismo degenerou, deformou e operou transformações nos ideais libertários e igualitários do socialismo, não é menos verdade que muitos dos caracteres do "socialismo real" foram projetados antes e com a Revolução de Outubro.

## O COLAPSO DO "SOCIALISMO REAL"

O modelo do "socialismo real", que já vinha há tempos dando sinais de esgotamento e crise, entrou em fins da década de 80 em colapso.

Este colapso, cremos, tem diversas determinantes, das quais apontamos apenas algumas:

a) crise econômica, derivada do esgotamento do modelo ultracentralizado de planejamento e de desenvolvimento da economia extensivo, centrado na indústria pesada e na exploração de recursos naturais; acrescem-se a isso os impactos da revolução técnico-científica (desencadeada nos países capitalistas) que encontrou os países do "socialismo real" —

a URSS sobretudo — em plena estagnação tecnológica; isto tudo gerou uma crise das formas de propriedade estatal, das formas de gestão e da circulação;

b) crise no processo produtivo imediato ou nas relações sociais de trabalho, provocando, entre outras coisas, uma baixa produtividade social;

c) reivindicações de uma maior e melhor apropriação social do excedente produzido, grande parte dos quais deslocados para o setor militar, desperdiçados ou gastos na manutenção de gigantescos aparatos burocrático-administrativos ineficientes;

d) descontentamento difuso, induzido por expectativas de mudanças frustradas e bloqueadas, levando à perda do consenso social imposto coercitivamente e à quebra da legitimidade política, criando contradições agudas entre o Estado e a sociedade;

e) aspirações por liberdades ou por uma efetiva socialização do poder e da política: extensão da cidadania, pluralismo, liberdade de opinião e organização, liberdade de ir e vir, sufrágio universal (direto, secreto e igual), Estado de direito democrático, alternância de poder, etc.;

f) problemas étnicos e religiosos, causados pela opressão, anexações, remoções, russificação, etc., provocando a secessão, a luta pela autodeterminação, o renascimento do nacionalismo, conflitos e o ressurgimento de ideologias conservadoras;

g) derrota político-ideológica para os países do Ocidente capitalista — os países do "socialismo real" perderam a guerra fria, a qual fez coincidir democracia com capitalismo e autoritarismo com socialismo. É preciso que se diga que durante a guerra fria os países do "socialismo real" impregnaram-se da crença de que era possível a derrota do imperialismo e a ultrapassagem do capitalismo pela superioridade militar soviética, derivando, principalmente, daí a corrida armamentista. Retornava-se dessa forma à antiga concepção da guerra como continuidade da política por outros meios;

h) a política de reformas iniciadas com Gorbachov, com a implementação da *glasnost* e a *perestroika* propiciou a ultrapassagem do "socialismo real" na URSS e permitiu e incentivou as mudanças em outros países, sobretudo no Leste europeu;

i) etc.

A derrocada do "socialismo real" tem implicações extremamente importantes e resultantes consideráveis. Propicia de um lado, a tendência ao fortalecimento da democracia e a criação de novas formas de produção e gestão; de outro traz riscos de desmonte da economia de propriedade social (colocando em xeque conquistas igualitárias) e o ressurgimento de ideologias conservadoras da Europa anteriores à 2ª guerra (ex: nacionalismo). Traz consigo também o impulso à valorização de questões universais. Concomitantemente às mudanças no capitalismo, propiciou o fim da guerra fria e a política de blocos antagônicos, levando ao fortalecimento da paz e da segurança, dos princípios de não intervenção e respeito aos direitos dos povos de escolher livremente os seus caminhos, das soluções políticas negociadas e do desbloqueio dos conflitos, do desarmamento e mesmo da desmilitarização do planeta. Pôs fim ao antigo Movimento

Comunista Internacional e enterrou seus velhos dogmas, mitos, concepções, símbolos e a velha cultura política terceiro-internacionalista.

Os partidos que geriam os regimes do "socialismo real" são levados de roldão e são obrigados a alterarem o próprio nome. Mesmo aqueles renovadores (Hungria) ou autores de mudanças (RDA) são derrotados nas eleições pelo voto emotivo ou do contra.

Enfim, se de um lado o colapso do "socialismo real", traz em seu bojo e induz a uma crise sem precedentes dos ideais socialistas, por outro cria uma nova situação que permite a recriação da transição socialista e de seus escombros deve nascer um novo socialismo e novas formações políticas de esquerda, com nomes novos, com novas bandeiras, com novos programas, com novos posicionamentos, com um novo internacionalismo.

### O FUTURO

A crise do socialismo aberta e agudizada com o colapso do "socialismo real" coloca para as forças de esquerda que desejam a ultrapassagem do capitalismo imenso desafios e a necessidade de repensarem e refazerem sua teoria e sua prática.

---

*Nesta situação duas alternativas básicas se colocam. A primeira é se trata de introduzir mudanças, abolir as deformações e anomalias e renovar o modelo de "socialismo real" ou criar o chamado "socialismo renovado". A segunda, a de recriar e refazer a abertura e a trajetória da transição socialista, ou seja, apostar em um "novo socialismo".*

---

Nesta situação duas alternativas básicas se colocam. A primeira é se trata de introduzir mudanças, abolir as deformações e anomalias e renovar o modelo de "socialismo real" ou criar o chamado "socialismo renovado". A segunda, a de recriar e refazer a abertura e a trajetória da transição socialista, ou seja, apostar em um "novo socialismo". Se a opção for a segunda alternativa, então é preciso:

a) romper em definitivo com a teoria da revolução e da transição socialista derivada da revolução de Outubro — não se trata aqui da simples negação da importância histórico-universal daquela revolução, mas de reconhecer que as concepções que a informaram não têm mais validade para o socialismo que desejamos. Portanto, uma teoria da revolução baseada na via processual e centrada na democracia como valor universal e uma projeção da transição socialista calcada na socialização da política e do poder, na publicização do Estado e sua absorção pela sociedade, na democratização das relações sociais, no pluralismo, no respeito aos

direitos humanos, nas liberdades fundamentais, no Estado direito democrático, no igualitarismo, etc.

b) romper radicalmente com a cultura política terceiro-internacionalista e criar uma cultura política socialista profundamente democrática — também aqui não se trata de jogar no lixo a rica herança teórica de Marx, Engels, Kautsky, Rosa de Luxemburgo, Lênin, Bukhárin, Gramsci, etc., mas sim de romper com os velhos dogmas e concepções, sobretudo, do "marxismo-leninismo" e a partir do rico patrimônio teórico e político criar uma nova cultura política;

c) repensar e rever a fratura do movimento socialista operada depois de 1914. Com o fim do MCI, com os impasses da social-democracia, com as transformações no capitalismo e a intensa internacionalização do capital, coloca-se para comunistas e socialistas a necessidade de uma alternativa política que supere os estritos limites do Estado-Nação, capaz de enfrentar os novos mecanismos de dominação e exploração e restringir os poderes das transnacionais. Neste quadro seria necessário se pensar em um novo internacionalismo, isto é, na perspectiva de uma nova *Internacional Socialista*, inclusive a partir do organismo já existente. Este novo internacionalismo pode vir a ser um poderoso instrumento para a implementação de uma plataforma de valores universais: consolidação da paz, defesa do meio ambiente, defesa dos direitos humanos, fortalecimento da democracia, ampliação da cidadania, resolução do problema da fome e de epidemias, etc.;

d) repensar a forma-partido, montada na concepção centralizada, como vanguarda ou "Estado-maior" da classe operária e preparados para o assalto ao Estado burguês — é necessário pensar e construir novas formações políticas de esquerda e socialista: amplos, plurais, democráticos, laicos, progressistas, reformadores, de massas, populares, revolucionários, internacionalistas, etc.;

e) reanalisar ou refazer as interpretações do capitalismo em função das transformações que passou e continua passando, que provocaram alterações substanciais na organização e na estrutura produtiva e na composição da classe operária ou do mundo do trabalho. É necessário também, diante da grande internacionalização do capital e da produção, bem como a integração econômica entre países, uma revisão da teoria do imperialismo, formulada por Lênin e outros teóricos e dirigentes marxistas no início do século.

Estes são apenas alguns tópicos das necessidades para quem pretende de fato recriar uma motivação histórica em torno dos ideais socialistas ou de repensar o reino da liberdade, da igualdade e da felicidade numa sociedade completa como a do final do século XX e a que se antevê no próximo. Fora disso ou pretendendo ressuscitar o modelo do "socialismo real" é olhar para o passado e não enxergar o futuro.